



Cidade dos outros – Espaços e tribos LGBT em Belo Horizonte ¹

Vinícius da Silva LUIZ²

Maria Tereza Novo DIAS³

Bruno Souza LEAL ⁴

Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, MG

RESUMO

O Livro- reportagem *Cidade dos Outros – em Belo Horizonte* traça alguns aspectos dos hábitos e espaços destinados ao público LGBT na cidade de Belo Horizonte. Em contraponto a cobertura midiática que comumente associa a homossexualidade à promiscuidade e violência, procurou-se evidenciar aspectos como solidariedade e amizade. *Cidade dos Outros* pretende ser um instrumento que contribui para a afirmação das diversas identidades internas ao público LGBT.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo, livro-reportagem, homoerotismo, tribos.

INTRODUÇÃO

Cidade dos outros – Espaços e tribos LGBT em Belo Horizonte nasceu de um projeto abortado no início de sua gestação. A idéia inicial era produzir um livro-reportagem sobre a atividade de michês em Belo Horizonte. Dificuldades iniciais, como o acesso aos garotos de programa, e potenciais, como a violência nos locais de trabalho, foram o incentivo para a desistência, ou adiamento dessa empreitada, como preferimos chamar. Em virtude das leituras feitas

¹ Trabalho submetido ao XVI Prêmio Expocom 2009, na Categoria *Jornalismo*, modalidade *Livro-reportagem*.

² Aluno líder do grupo e estudante do 9º Semestre do Curso de Comunicação Social, email:viniscopio@gmail.com.

³ Estudante do 9º Semestre do Curso de Comunicação Social, email: mariatereza85@gmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social, email: brunosleal@gmail.com.

para esse primeiro projeto, que problematizavam a questão da sexualidade, e mesmo por experiências de vida, optamos por fazer uma investigação jornalística das tribos urbanas conformadas, entre outras razões, pela homossexualidade ou pela aceitação de tal identidade sexual nos grupos. Dessa forma, nasceu o livro-reportagem *Cidade dos outros...*

Três questões fundamentais nortearam as leituras teóricas do trabalho, inicialmente: as identidades sexuais, as tribos urbanas e a reportagem, em particular o livro-reportagem. Como já dito, consultamos os textos acerca da sexualidade antes mesmo do início da produção, embora tenhamos recorrido a eles sempre que necessário. As tribos urbanas foram fundamentadas a partir da concepção do sociólogo francês Michel Maffesoli, presentes no livro *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Já a discussão sobre livro-reportagem foi baseada no livro de Edvaldo Pereira Lima, *Páginas ampliadas: O Livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, e em *Radical chique e o Novo Jornalismo*, em que Tom Wolfe aborda as técnicas utilizadas pela corrente americana. Compreendemos ser importante acrescentar que paralela à leitura desses textos, também nos debruçamos sobre alguns autores que apresentam elementos de homoerotismo em sua narrativa, como Virginia Woolf, Caio Fernando Abreu e Lúcio Cardoso, assistimos a séries, em especial *The L Word* e *Queer as Folk*, além de inúmeros filmes. A intenção foi buscar alguns traços que pudessem ser fontes de idéias para o livro, além de fornecer uma possível estética homoerótica, marcada menos por uma procura sistemática que por gostos pessoais.

2 OBJETIVO

Nesta década, acompanhando o movimento de progressão da visibilidade e conquistas de direitos, os LGBTs caminham em direção ao estabelecimento de sua cidadania. Aproveitando todas as potencialidades do livro-reportagem na abordagem deste tema de grande relevância social, pretendemos apresentar uma obra em que a narrativa das relações sociais estabelecidas internas a esse grupo, em Belo Horizonte, como contribuição para o movimento de afirmação LGBT.

3 JUSTIFICATIVA

O incômodo inicial que motivou a delimitação do tema foi a maneira como percebemos ser tratada a questão LGBT pelos meios de comunicação, com homogeneização da representação de sujeitos homossexuais. Essa sensação foi confirmada pelo relatório final da pesquisa “Mídia e homofobia: linguagem, construção da realidade e agendamento”, empreendida pelo Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania GLBT (Nuh/UFGM). Segundo a pesquisa, nos jornais impressos e telejornais analisados, há preferência pelo termo gay em detrimento de outras identidades. Outro ponto interessante é a relevância dada ao comportamento sexual na cobertura em detrimento de comportamento afetivo. Em um universo de 1.532 textos de diferentes gêneros jornalísticos, 342 matérias se dedicaram a abordar comportamento sexual contra 62 da segunda categoria. De acordo o relatório:

Esse dado pode revelar uma certa estereotipação dos veículos em relação às identidades LGBT, como se essas identidades se definissem meramente a partir de suas práticas sexuais, em detrimento a uma dimensão mais afetiva das relações entre pessoas de mesmo sexo. (Leal *et alii*, 2008: 19)

Diante dessas questões, escolhemos o formato livro-reportagem, visto que esse permite, entre outras coisas, ampliar o universo de fontes. Enquanto tradicionalmente autoridades em certas áreas ganham destaque em detrimento a outras autoridades, é possível no trabalho de investigação para um livro, que não possui as limitações temporais e mercadológicas do jornal, diversificar. NO tema abordado para o livro foi colocado em uma perspectiva ampliada, construído a partir de “situações e questões que contextualizam os fatos” (LIMA, 1998:36)

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A reportagem é um gênero jornalístico que se difere da notícia por não se ater puramente às questões factuais, ela “é a ampliação do relato simples, raso, para uma dimensão contextual” (LIMA, 1995: 24). Em resumo, o gênero procura dar um passo a frente das tradicionais perguntas (o que, quem, como, onde, quando e porquê) que compõem o *lead* ou abertura das notícias. Apesar de apresentar características que poderiam ser entendidas como vantagem sobre a notícia “trivial” encontrada no dia-a-dia das páginas de jornal, a reportagem perde em agilidade para aquela, exatamente por demandar maior investigação em seu processo de produção. Enquanto a notícia registra um fato de relevância ocorrido imediatamente, a reportagem deve ligar o instantâneo a um contexto mais geral, que pode ser feita com os mais diversos métodos. Nas palavras de Ferrari e Sodré:

“Embora não prescindida de atualidade, esta (a reportagem) não terá o mesmo caráter imediato que determina a notícia, na medida em que a função do texto é diversa: a reportagem oferece contextualização àquilo que já foi anunciado, mesmo que seu teor seja predominantemente informativo” (Ferrari e Sodré, 1986: 18).

Nilson Lage identifica na pauta o primeiro passo da realização de uma reportagem, em que o repórter lista o tema, as fontes a serem consultadas, equipamentos necessários para a realização de entrevistas, entre outros. Em seguida, vem a produção da matéria, em que são feitas as entrevistas e também, consulta-se dados a fim de enriquecer e mesmo justificar a reportagem (Lage, 2003). Dotado das informações obtidas nas entrevistas e em fontes como estudos e pesquisas de opinião, o jornalista finalmente redige a reportagem de forma a condensar todos os dados coletados nas outras fases.

Em nosso caso, optamos pelo formato livro-reportagem porque esse oferece alguma liberdade de pauta, afinal não nos baseamos em nenhum fato específico para estabelecer o tema da reportagem. Ainda de acordo Lage, “muitas reportagens resultam da observação de fatos que geralmente passam despercebidos” (Lage, 2003: 45). Além disso, tal formato dispõe de maior

possibilidade de aprofundamento do assunto, além de permitir tratamento estilístico mais cuidadoso, que permite experimentações narrativas. Segundo Lima, em *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, o formato concede ao jornalista uma maior amplitude de atuação no tratamento da pauta, desde a escolha do tema, passando pelo uso das fontes à angulação dada na escrita do texto (LIMA,1995). Dessa forma, ao construir a narrativa, procuramos localizar as tribos LGBT dentro do contexto das identidades sexuais, das relações afetivas e dos espaços reservados a esse público na cidade. Isso sem contar o tratamento da linguagem, que utiliza estratégias narrativas próximas da literatura, característica de livros-reportagem.

A busca de referências na literatura não invalida o caráter jornalístico do livro-reportagem. Em todas as entrevistas, procuramos extrair o máximo de detalhes dos personagens para compor os cenários e sensações narrados. Da mesma forma, percorremos diversas casas noturnas, nas quais passamos a noite para verificar de perto os hábitos dos nossos personagens. A opção por uma escrita fragmentada no texto final tem origem na linguagem dos *blogs*, páginas pessoais da internet em que é possível discorrer sobre qualquer tema. Idealizamos um leitor jovem, habituado a esse tipo de leitura, descontínua, mas que se conecta pelo assunto principal. Por isso, o livro mescla a história pessoal de alguns personagens, com descrições e impressões dos mesmos sobre espaços e grupos. Diferentemente do tempo de João do Rio, em que o narrador era um *flâneur* a percorrer e captar a “alma encantadora das ruas”, formulamos um narrador que seleciona partes específicas da cidade. Segundo Renato Cordeiro Gomes,

“o antigo *flâneur* absorvido pela multidão e pela massa não tem mais lugar na cidade da via expressa, na sociedade dominada pelas tecnologias comunicacionais. Talvez tenha cedido o lugar para o *zappeur* que, escolhendo pontos e fragmentos urbanos, pode montar sua imagem da cidade, longe da rua” (Gomes, 1996: 22).

Assim, procuramos construir o espaço urbano em constante diálogo com os indivíduos e

suas tribos. Indivíduo esse, colocado à margem das representações hegemônicas sobre a cidade. Foi nossa intenção apresentar fragmentos que ajudam a compor a cidade em que esses *sujeitos outros* passeiam, estabelecem relações e dão novos sentidos ao concreto frio das ruas.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O livro-reportagem *Cidade dos Outros – Espaços e tribos LGBT em Belo Horizonte* é uma publicação de 115 páginas, divididas em três partes: *Tribos*, que contém dois capítulos; *Júlia, Pedro e a cidade*, dividida em sete capítulos; e *A festa vazia*, dividida em quatro capítulos. A essas partes se somam *Prefácio, Introdução e Conclusão*, chamada de *Fim da Festa*, além de um apêndice com o Diário de Bordo dos autores.

O livro narra a trajetória de dois personagens principais, Pedro e Júlia, pelos espaços LGBT da cidade. Paralelo ao percurso dos dois, são feitas descrições de bares e boates de Belo Horizonte destinados à esse público, em que são construídos e desconstruídos estereótipos das identidades LGBTs.

6 CONSIDERAÇÕES

No início dos trabalhos de redação, foi necessária a escolha de um leitor pretendido. Para a escolha do nosso leitor levantamos algumas questões: Quem se interessa por esse tema? Para quem a informação irá se destinar? Qual o estilo da nossa escrita? Assim, escolhemos um leitor jovem e “não-iniciado” na noite LGBT, seja ele gay ou heterossexual, alguém que só tenha uma imagem geral da comunidade gay e que possa se beneficiar com as novas informações. O livro tem a intenção de oferecer elementos que possibilitem a desconstrução de preconceitos gerados pela falta de informação. *Cidade dos outros...* pretende assim, ter uma importância maior do que a da documentação de uma fração mínima da cultura LGBT, mas também uma motivação social de ampliar o modo de olhar sobre esse grupo.

Essa escolha resultou na forma de abordagem do tema, ao mesmo tempo didática e curiosa. Assim, a exploração de alguns aspectos, como as primeiras experiências em boates LGBTs nos pareceu bem importante para informar o leitor a respeito desse universo. A entrada dos indivíduos no mundo gay se constitui em um processo de escolhas que requer, na maioria das vezes, muito esforço pessoal e apoio de pessoas próximas. A redação foi feita sempre a quatro mãos e o livro tomou novos rumos durante todo o trabalho.

Num primeiro momento acreditávamos ser importante narrar a trajetória de quatro pessoas, pertencentes a diferentes tribos. Porém, com as primeiras entrevistas, percebemos que seria difícil rotular os entrevistados, uma vez que eles próprios não se admitiam como membros de uma tribo. Decidimos, com o auxílio do nosso orientador, manter a história de dois entrevistados como carro chefe da narrativa. A ordenação dos capítulos do livro também foi repensada diversas vezes. A redação, que teve início em setembro e foi finalizada em novembro, passou por diversas montagens e remontagens, o que resultou muitas vezes em alguns problemas de redundância, que foram resolvidos em revisões posteriores. A parte feita por um membro da dupla era completada pelo outro e nos fins de semana nos reuníamos para editar o livro em conjunto.

O relato de cada personagem é nosso ponto de partida para mapear as vivências LGBT em cada espaço pretendido. No entanto, se tornou necessário que estabelecêssemos limites iniciais para a questão das tribos. No discurso das fontes, a questão ganhava uma relatividade incômoda, excetuando-se as entrevistas com os administradores das casas noturnas, que relatavam o comportamento específico de seus públicos. Porém, esses relatos eram feitos sob uma ótica comercial, o que não era de todo interessante para a nossa abordagem. Nós buscávamos a relação entre tribos, a visão de uma sobre a outra e suas especificidades. Não encontramos, em um primeiro momento, nada além do óbvio, os gostos musicais, o modo de se vestir. Porém, as tribos apresentavam comportamentos similares de convivência, de intenções e de formação. O que nos levou a questão de que não há diferença real entre as tribos, e elas, na verdade, convergem para um grande grupo, apesar de sua diversidade. A observação do personagem Hugo, ao afirmar que na rua as tribos são muito bem diferenciadas, mas na boate as coisas se misturam, pareceu-nos a mais acertada, e a que, em suma, resume bem todo o livro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENEDETTI, Marcos. Toda feita – o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro, Garamond, 2007.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes (organizadora). O corpo educado – pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

COSTA, Jurandir Freire. A inocência e o vício: Estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

FERRARI, Maria Helena & SODRÉ, Muniz. Técnica de reportagem – Notas sobre a Narrativa Jornalística. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

FIGARI, Carlos. @s "outr@s" cariocas: interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro: séculos XVII ao XX. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

GOMES, Renato Cordeiro. Grafias Urbanas. Vertente - Revista do Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, n. 5, p. 20-22, 1996.

LAGE, Nilson. A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LEAL, B. S. ; CARVALHO, C. A. ; COBRA, M. ; DOURADO, A. ; JACOME, P. ; SILVA, L. . Mídia e homofobia: linguagem, construção da realidade e agendamento. 2008. (Relatório de pesquisa).

LIMA, Edvaldo Pereira. Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri: Manole, 2004.

PARKER, Richard. Abaixo do equador. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PARKER, Richard. Cultura, economia, política e construção social da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (organizadora). O corpo educado – pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

PERLONGUER, Nestor. O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (organizadora). O corpo educado – pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.